

Organizadores

Nina Diniz
Eliana Lourenço de Lima Reis

**TRÊS TRADUÇÕES DE
I AND MY WINE
TAPSTER IN THE
DEAD'S TOWN
DE AMOS TUTUOLA**

Belo Horizonte
FALE/UFMG
2008

Diretor da Faculdade de Letras

Jacyntho José Lins Brandão

Vice-Diretor

Wander Emediato de Souza

Comissão editorial

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Lucia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

Mangá – Ilustração e Design Gráfico

Formatação

Cláudio de Aquino

Revisão de provas

Tiago Garcias

Tito Tavares

Endereço para correspondência

FALE/UFMG – Setor de Publicações

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 2015A

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Telefax: (31) 3409-6007

e-mail: vivavozufmg@yahoo.com.br

Sumário

**A Literatura acontece
na Língua . 7**

Tito Tavares

**I and my palm-wine tapster
in the deads' town . 19**

Amos Tutuola

**Eu e meu vinhateiro
na cidade dos mortos . 25**

Maria Helena Rodrigues

**Eu e meu vinhateiro
na cidade dos mortos . 31**

Eliane Fontenelle

**Eu e meu fazedor de otim
na aldeia dos vumbe . 37**

Cláudio de Aquino

**Edições e traduções dos
livros de Amos Tutuola . 43**

Sônia Queiroz

Vozes da África

Amos Tutuola tranpôs
para a escrita literária
a riqueza da literatura oral e popular
do seu país, a Nigéria,
oferecendo-nos
um livro singular
“Cheio de frescura, divertido e misterioso...”
Elspeth Huxley¹

¹ Elspeth Huxley, uma engenhosa e enérgica jornalista e autora de mais de 30 livros, incluindo memórias, biografias, histórias policiais e novelas, muitos inspirados em sua infância no Kenya colonial, morreu dia 10 de Janeiro em um asilo em Tetbury, em Gloucestershire, na Inglaterra, disse um amigo da família. Aos 89 anos.

A Literatura acontece na Língua

Tito Tavares

Escolhi para o título desta Introdução a frase com a qual Abiola Irele abre seu texto intitulado “A Literatura Africana e a Questão da Língua”,¹ como uma estratégia para situar os leitores que se interessarem por esta publicação dentro da discussão mais importante (a meu ver) quando falamos de literatura (especialmente em suas conexões com a oralidade), ou seja, a natureza fundamental da relação entre língua e literatura, e a língua como veículo de expressão do imaginário: “A Literatura acontece na língua”.

A escolha do título é também um modo de destacar a permanência da estrutura da língua iorubá na literatura de Tutuola, que escreveu seus livros em língua inglesa, preservando, porém, elementos do iorubá, que demonstram os traços de oralidade que permaneceram e permanecem na língua e cultura do seu povo; elementos fundamentais para a sociedade em que Tutuola viveu.

Experiências

Esta introdução pretende mostrar ao leitor o contexto em que este caderno foi produzido (contexto da edição de traduções), mostrando-lhe etapas que enfrenta qualquer pessoa, ou grupo de pessoas, que experimenta ou exerce a atividade de edição.

Como trabalho final de uma disciplina ministrada pela Prof^a Sônia Queiroz – Estudos Temáticos de Edição: Editando Traduções –, que tinha como objetivos a leitura e discussão de textos sobre o processo tradutório, a ampliação do conceito de tradução dos alunos, e o exercício de diferentes formas de edição de textos traduzidos; desenvolvemos a idéia de editar traduções (nossa e de outros) de parte do livro de Amos Tutuola, *O bebedor de vinho de palmeira*. Para isso,

¹ Texto publicado, em tradução de Fernanda Mourão, no Caderno VivaVoz (2006) intitulado *A tradição oral*, organizado por Sônia Queiroz.

foram necessárias aulas expositivas com leitura e discussão de textos teóricos do campo da tradução, bem como leituras de textos poéticos traduzidos e principalmente o exercício da prática de edição de traduções, com exemplos de edições bilíngües e monolíngües.

Tão importante quanto as experiências acima, vale destacar o caráter coletivo deste projeto editorial, desenvolvido por quatro estudantes dessa disciplina constantemente orientados pela professora (Sônia Queiroz), que além de profissional da educação é uma profissional do campo da Edição. O trabalho contou ainda com a orientação da Prof^a Eliana Lourenço de Lima Reis (da área de Literaturas de Língua Inglesa), que, além de acompanhar esta edição, apresentou à turma palestra sobre a literatura escrita por Amos Tutuola no contexto da literatura africana e uma leitura crítica da tradução brasileira do livro *O bebedor de vinho de palmeira*. Nosso estudante-tradutor neste projeto, Cláudio Teixeira, em um texto escrito especialmente para esta introdução, apresenta um depoimento sobre a sua experiência de um trabalho coletivo:

[...] uma experiência fantástica com a tradução, que me fez compreender a poética por trás da mesma. Não só pela tradução em si, mas a obra escolhida é essencialmente bela pela simplicidade e me fez sentir mais próximo da cultura daquele povo e isto é algo realmente impagável. Claro que minha tradução não foi isenta de erros, mas eu tinha meus colegas para opinarem, a professora e uma ótima revisora proficiente no inglês...

*Foi a obrigação acadêmica que me empurrou um trecho do livro do fantástico nigeriano Amos Tutuola, *The Palm-Wine Drinkard*, para traduzir. Esta tradução fazendo parte de um trabalho de grupo me incentivou, pois há muito tempo queria levar alguma tradução até o fim e provar um pouco dessa experiência poética, segundo Meschonnic, que é a tradução.*²

² TEIXEIRA, A Experiência da Primeira Tradução.

O bebedor de línguas e o vinhateiro de literaturas

*A história folclórica [...] pertence, em sua estrutura básica, à comunidade, até que o indivíduo a pegue e, durante o processo de narração, faça-a sua. Não há, portanto, um único texto autêntico. O texto esqueleto que personifica o tema conhecido está lá e, algumas vezes, o exemplo subjacente. O narrador individual, usando o primeiro, constrói o texto pelo uso de seus próprios métodos. Poderia haver, por isso, tantos textos para uma história quantos fossem os narradores. Alguns deles são muito bons, alguns indiferentes e outros realmente pobres, dependendo da competência e do indivíduo.*¹

A citação acima ilustra um pouco da história de Tutuola a partir de sua trajetória de vida e dentro da literatura africana. Na orelha da edição brasileira, publicada na década de 1970 pela Nova Fronteira e pelo Círculo do Livro e traduzida por Eliane Fontenelle, Tutuola escreve um pequeno depoimento biográfico no qual ele chama a atenção para um possível “dom”. Desde a época em que ele freqüentava a escola e que era um aluno exemplar, até os diversos cargos que ocupou ao longo da vida, Tutuola tinha uma certeza que só foi confirmada após escrever seu primeiro livro *The palm-wine drinkard and his dead palm-wine tapster in the Dead's Town* e que foi publicado no ano de 1952.

Esse dom (ou a certeza), que foi confirmado no decorrer do ano de 1952, era o lado de contador de histórias que ele exerceu durante os anos em que esteve na escola, mas que posteriormente deixara de lado, e que o impulsionou a se tornar um escritor. Chama a atenção também, a etapa de sua vida como mensageiro e, principalmente, como morador da cidade de Lagos, um centro urbano na época, em que o inglês era amplamente usado, que contrasta com o seu local de origem, um vilarejo do interior da Nigéria, em uma região rural onde as narrativas orais sobreviviam com mais vigor.

Tutuola nasceu em uma sociedade em que os nativos são falantes da língua iorubá e conseqüentemente herdeiros de uma mesma tradição oral. Diversos estudiosos indicam uma grande ligação entre Tutuola e Faguwa (também escritor e contador de histórias), e essa ligação se justificaria por causa de uma tradição de escrita iorubá, em que cada novo autor retoma a escrita do anterior; Tutuola seria assim o herdeiro de uma tradição que foi influenciada por Faguwa².

Recepção e pós-recepção da obra de Amos Tutuola

O debate que ocorria à época em que Tutuola já havia publicado sua obra principal (*O Bebedor de vinho de palmeira...*) está expresso na “voz” de Abiola Irele, através de um texto escrito em 1973; era tema constante desse debate a identidade e fundação de uma literatura africana propriamente dita, ou seja, uma literatura de expressão continental (sem deixar os regionalismos de lado) que por “necessidade” deveria ser escrita nas línguas africanas.

*Por outro lado, não existe literatura que possamos, no momento, denominar “africana” em um sentido amplo e continental, na perspectiva moderna de nossa existência contemporânea. O que temos é uma diversidade de literaturas expressadas em várias línguas nativas da África, cada uma ligada a cultura e povos específicos que utilizam aquelas línguas. Além disso, a grande maioria dessas literaturas estão ainda no estágio oral e isso constitui uma séria limitação à sua difusão e ao papel que elas podem desempenhar em uma cultura moderna.*³

Esses “dilemas da autenticidade” representam em grande parte os problemas que a África e a literatura africana, enfrentam em conseqüência de sua história. Abiola aponta como fator determinante nesse processo, a ausência de uma língua africana comum, que emperra o esforço de definição de uma “literatura africana” com aspectos que englobem todo o

² D.O. Fagunwa nasceu em 1903 e morreu em 1963, escreveu em 1938 e foi traduzido em 1968. Amos Tutuola nasceu em 1920 e morreu em 1997, escreveu em 1946 e publicou *The palm-wine drinkard...* em 1952.

³ IRELE. A literatura africana e a questão da língua, p.28.

¹ OBIECHINA. Culture, Tradition and Society. Citado por SCHIPPER. Literatura oral e oralidade escrita, p.11

continente. Aponta também problemas de natureza sociológica que estão relacionados com a questão literária, como a educação, estrutura social das diversas comunidades e principalmente da integração nacional entre os vários Estados africanos.

A “tradição africana” de narrar, ao modo de Tutuola – que se tornou característica principal da literatura produzida nesse continente –, na época da publicação do livro *The Palm-Wine Drinkard...*, foi recebida pelo público especializado (críticos) de maneiras mais diversas possíveis; segundo Mineke Schipper, foi o uso de uma linguagem particular por Tutuola que provocou reações que iam desde uma crítica depreciativa até uma crítica elogiosa.

Tais comentários variavam de uma apreciação positiva de seu “inglês jovem” (Dylan Thomas, em The Observer), ou seu “novo idioma africano-ocidental” (Ulli Beier, em Black Orpheus), a uma condenação impiedosa de sua linguagem “incompreensível” por alguns compatriotas burgueses que se sentiam incomodados pelo uso original que este “literato” fizera do inglês da rainha.⁴

Língua e Literatura

Essa parte do texto, dedicada por um lado ao fator lingüístico e por outro aos elementos fundamentais para pensar a constituição de uma literatura africana –, se inicia com duas perguntas influenciadas pela leitura do texto “A literatura africana e a questão da língua”, de Abiola Irele; mas não se deixa guiar pelo pensamento de somente um autor, sobre a produção literária africana e a obra de Amos Tutuola.

A questão a se fazer nesta introdução é: Tutuola atingiu um equilíbrio entre a qualidade particular de sua imaginação e a língua em que ele foi compelido a se enquadrar (pelo menos para produção de uma literatura que pudesse ser divulgada)?

Como Tutuola tentou ultrapassar esse divórcio entre a escrita africana em línguas européias e o público africano? O inglês dialetal dele pode ter sido uma saída eficaz?

⁴ SCHIPPER. Literatura oral e oralidade escrita, p.13.

O trabalho de Tutuola pode ser a expressão de uma literatura produzida em terras africanas na qual foi possível essa associação entre a literatura escrita em língua européia e o público africano. A expressão individual no caso de Tutuola pode ser demonstrada pelo processo de “tradução” ou “transcrição”, que ele utiliza ao escrever, em inglês, histórias que são tradicionalmente narradas na língua iorubá; os traços sociais e culturais, por sua vez, estão presentes nas narrativas orais que foram produzidas anteriormente pela comunidade à qual ele pertencia e de cujo conhecimento ele se apropriou para a elaboração da sua literatura.

Por outro lado, o “fator da língua” na obra de Tutuola se apresenta mais como uma questão de convivência entre as culturas – apesar de que o iorubá está entre as várias outras línguas do continente africano que continuam a perder espaço para as línguas globais, por exemplo, o inglês – do que como um caso de deficiência no veículo de expressão do imaginário africano ou tutuoliano.

Tal situação é marcada por uma anomalia radical na qual a íntima associação entre, de um lado, a expressão literária como criação individual e como fato social e cultural, e, de outro, o fator da língua, parece não apenas ter sido rompida, mas, de fato, ter perdido seu significado.⁵

A tarefa de envergar o iorubá para o inglês e vice-versa, traduz a preocupação que Tutuola tinha ao pensar a literatura africana regional de cunho oral e principalmente ao “praticá-la” e publicá-la através do inglês e não do iorubá.

Abiola Irele observa que a anomalia na relação entre língua e literatura na África é evidente na “divergência que caracteriza a relação entre o conteúdo e as referências da literatura produzida por africanos nas línguas européias e o meio através do qual essa literatura é expressa”.⁶ Assinala o “problema” (implicações e conseqüências) que se criou na produção e consumo das literaturas advindas dessa anomalia:

⁵ IRELE. A literatura africana e a questão da língua, p.26.

⁶ IRELE. A literatura africana e a questão da língua, p.26.

uma “distorção de valores críticos e a dificuldade de se determinar o verdadeiro público dessa literatura, devido à sua distância em relação à generalidade dos africanos, por causa do fator lingüístico”.⁷

Abiola também chama a atenção para o “estranho reverso da norma” que acontece em algumas produções literárias africanas, em que a predominância das línguas européias é identificada com clareza no processo de modernização das culturas africanas, levando assim a uma desvalorização das literaturas originárias dos povos do continente africano, nas quais se pode “observar a coincidência normal entre o pensamento imaginativo – altamente carregado daqueles elementos que sustentam a cultura comum – e a língua – que estabelece uma conexão entre a consciência individual artística e imaginativa e a vida coletiva”.⁸ Esses elementos são marcantes na obra de Tutuola, no processo de criação das suas “oraturas”, criadas e pensadas em iorubá, porém escritas em inglês.

A posição e o papel das literaturas tradicionais africanas seria o segundo lugar onde se expressa essa anomalia. Abiola observa que as verdadeiras literaturas africanas estão sendo relegadas a posições marginais em quase todas as comunidades nacionais contemporâneas da África. E conclui:

*Na verdade, os aspectos sociológicos aos quais a questão da língua está ligada hoje, na África, representam o fator determinante máximo da questão sobre a possibilidade de termos algum dia uma literatura africana propriamente dita.*⁹

Talvez Tutuola tenha se interessado mais por uma escrita que desse conta da natureza oral de suas histórias (oratura), na tentativa de transmitir através do “inglês escrito” as histórias orais de sua comunidade, do que fazer

⁷ IRELE. A literatura africana e a questão da língua, p.26

⁸ IRELE. A literatura africana e a questão da língua, p.26

⁹ IRELE. A literatura africana e a questão da língua, p.31.

uma literatura iorubá que perderia o seu sentido quando produzida na forma escrita.

*Essa abordagem criará uma situação na qual não apenas o escritor africano terá uma chance real nessa questão da língua, mas poderá, também, ao optar pela língua européia, levar para essa língua a cor e a vitalidade de sua experiência que ele teria bem expressado na língua original.*¹⁰

Em um texto dedicado a pensar os textos orais e a textura oral, Emilio Bovini observa:

*Constituída de formas textuais múltiplas, ela – a tradição oral – repousa essencialmente sobre uma textura oral em que forma e conteúdo estão em simbiose. O processo de escrita desses textos não deve destruir essa especificidade. Por vezes é necessário fazê-los acompanhar do texto original em língua africana. Sua eventual inserção em um texto escrito, como um romance, deve-se acompanhar paralelamente da colocação do quadro de proferição próprio a cada tipo de texto. É sob essa condição que o texto não parecerá um documento de arquivo, ultrapassado porque do passado, mas sim um suporte ainda capaz de permitir a transferência da experiência do grupo diante da vida e da sobrevivência.*¹¹

Os debates sobre a legitimidade das histórias da tradição oral e o campo a que elas pertencem se iniciaram há pelo menos 50 anos. Um exemplo disso é a publicação de *The palm-wine drinkard...* no ano de 1952; porém, somente na década de 80 é que pesquisadores criaram termos próprios à dinâmica desses modelos de narrativas.

Foi com um texto publicado em 1989 – “Literatura Oral e Oralidade Escrita” – que Mineke Schipper introduziu no âmbito da crítica literária africana uma questão muito cara a essa tradição de diversos escritores africanos: podemos falar em literatura no caso da tradição oral?

Estrutura das narrativas

Em resposta a essa questão, pesquisadores da África, como, por exemplo, Pius Zirimu, introduziram o conceito de oratura

¹⁰ IRELE. A literatura africana e a questão da língua, p.40.

¹¹ BONVINI. Textos orais e textura oral em *Uanga*, de Óscar Ribas, p. 9.

em oposição ao de literatura. Em qualquer caso, parece-me não haver tanto problema em manter o conceito de literatura oral referente a textos apresentados oralmente, assim como a textos transcritos *literalmente* a partir da *performance*.

Na verdade, um "texto" oral não existe por si mesmo, sem performance: a presença mesmo do apresentador, do contador de história, do cantor – sem o qual literatura oral não pode ao menos existir – é uma característica fundamental que foi muitas vezes esquecida no passado.¹²

Mineke Schipper pensa no conceito de oratura como uma oralidade escrita, chamando a atenção, principalmente, para a *performance* dentro da produção desse texto, como forma de identificar mudanças ou adaptações para assim criar um novo texto, agora dentro da tradição escrita.

Com relação à "transcrição" na literatura de Tutuola, fica evidente que os recursos utilizados para tal tarefa também podem ser encontrados em muitas outras literaturas. Mineke Schipper cita como exemplo o caso do *Skaz*, criado pelos formalistas russos Eichenbaum e Vinogradov em sua própria literatura:

O skaz é descrito como um modo narrativo inspirado pela arte verbal como praticada pelo contador de histórias. A prosa artística estruturada de acordo com os recursos do Skaz é claramente distinta da tradição escrita russa pela transposição de traços característicos do discurso oral para dentro do texto escrito.¹³

Correspondendo à oralidade escrita (oratura), para a qual o autor chama a atenção nos trabalhos de Tutuola, que também se alimenta de uma fonte substancial do autor e de sua sociedade, "a arte do contador de história oral", diferencia-se a oratura africana do *Skaz* russo pelo fato de nascerem em contextos muito diferentes do ponto de vista da história literária:

O Skaz é uma técnica narrativa que é uma reação da tradição escrita à solene prosa russa dos séculos XIX e XX, enquanto a oralidade escrita

praticada por escritores africanos continua diretamente a antiga tradição africana da narração expressiva e vivaz.¹⁴

Omolara Ogundipe-Leslie define essa linguagem utilizada por Tutuola como uma "mistura original feita de 'pedaços de línguas' tais como o oficialês, o jornalês, e palavras inglesas não-gramaticais da língua iorubá: de fato, Tutuola fala iorubá usando palavras inglesas".¹⁵

A presença do iorubá, além da ambigüidade cultural e lingüística e da maneira de se transmitir oralmente essas histórias, pode ser percebida através das "figuras de discurso" como as repetições, os trocadilhos, antíteses, metáforas, provérbios e adivinhas, o que exige uma boa dose de cautela dos tradutores e críticos que pretendem interpretar o texto de Tutuola.

Para os leigos na língua iorubá ou para quem vê de fora a sociedade onde essas narrativas são produzidas e reproduzidas, fica difícil perceber essa presença; Schipper considera que muitas das vezes essa dificuldade se dá por causa "das traduções inglesas de Tutuola", e cita alguns exemplos, aqui eu transcrevo um deles:

Um exemplo é o significado de um deles, citado na divertida história da caçadora Adebisi, que se tornou cabeleireira do rei na cidade de Imbembe: "O ladrão que rouba corneta. Onde ele irá soprá-la?" Ulli Beier explicou que "corneta" é a tradução inglesa da palavra ioruba akaki, a corneta que só pode ser tocada na presença do rei: portanto é inútil roubá-la!¹⁶

Na estrutura das narrativas orais, bem como na literatura de Tutuola, a função que os provérbios exercem é de reforçar o argumento do narrador, tanto quanto animar a história ou explicar alguma situação ou comportamento. Como técnica de expressão verbal, os provérbios esclarecem situações através de metáforas e reforçam a memória coletiva.

Repercussão e vivido são duas dimensões fundamentais da oralidade. Eis o jogo da vida e da sobrevivência do grupo e também o sentido profundo

¹⁴ SCHIPPER. Literatura oral e oralidade escrita, p. 13.

¹⁵ SCHIPPER. Literatura oral e oralidade escrita, p. 13.

¹⁶ SCHIPPER. Literatura oral e oralidade escrita, p. 14.

¹² SCHIPPER. Literatura oral e oralidade escrita, p. 10.

¹³ SCHIPPER. Literatura oral e oralidade escrita, p. 12.

da proferição, o sentido que é necessário atribuir aos diferentes textos em situação de oralidade: provérbios, adivinhações, contos, máximas, nomes próprios, cantos, etc., todos esses textos estão a serviço da memória coletiva e da transmissão da experiência do grupo.¹⁷

Tutuola, ao utilizar esses recursos da oralidade, o faz com muita perspicácia, primeiro por preservar a natureza das narrativas orais, depois por saber que o “dever do contador tradicional é fazer a enunciação da forma mais clara possível e deixar cada indivíduo chegar à sua própria solução, se puder”.¹⁸

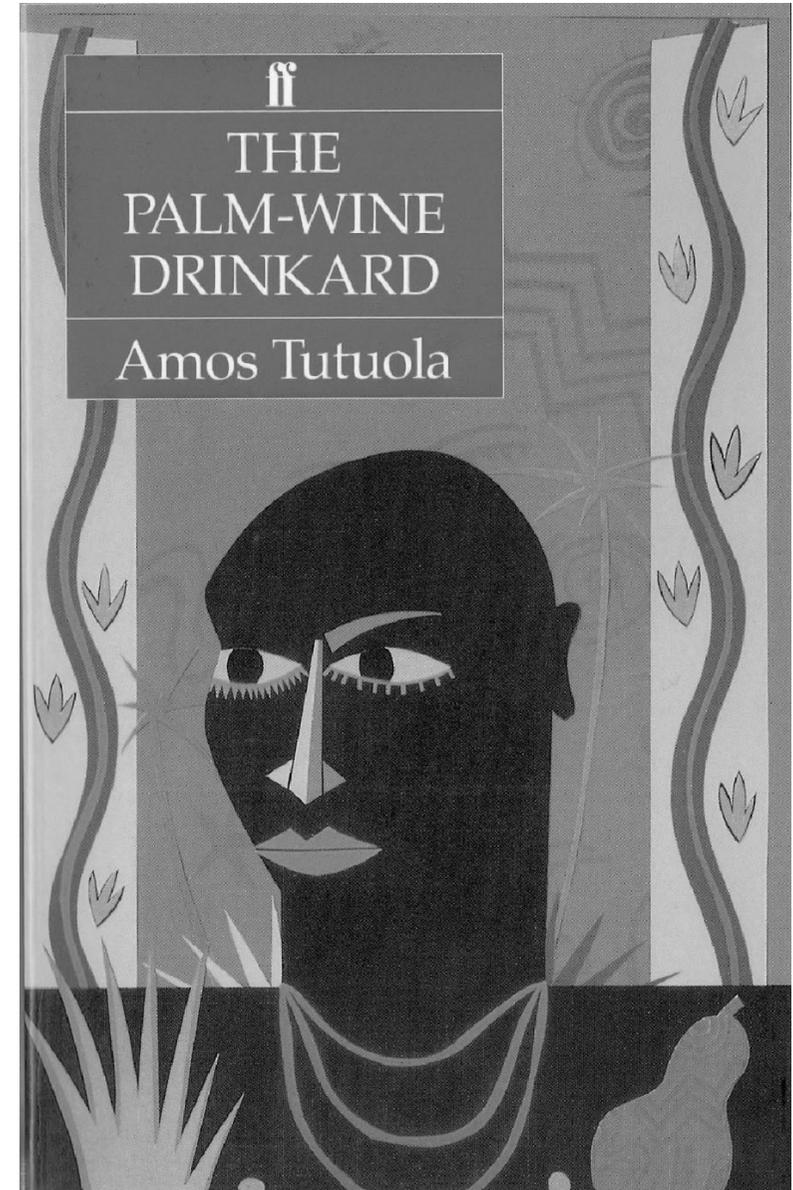
Variação do material disponível, combinação com elementos da memória, do dia-a-dia e da fantasia, transformam-se em recursos na criação de narrativas com a marca do contador, característica das narrativas orais e de seus narradores. Uma criação individual fundada em uma estrutura coletiva, assim o texto de Tutuola toma a forma de um romance.

Referências

SCHIPPER, Mineke. Literatura oral e oralidade escrita. Tradução de Fernanda Mourão. In: QUEIROZ, Sônia (Org.). *A Tradição Oral*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. (Cadernos Viva Voz)

BONVINI, Emilio. Textos orais e textura oral em *Uanga*, de Óscar Ribas. Tradução de Sônia Queiroz. In: QUEIROZ, Sônia (Org.). *A Tradição Oral*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. (Cadernos Viva Voz)

IRELE, Abiola. A literatura africana e a questão da língua. Tradução de Fernanda Mourão. In: QUEIROZ, Sônia (Org.). *A Tradição Oral*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. (Cadernos Viva Voz)



Edição da Faber & Faber publicada em Londres, 1952.
Ilustração de John Clementson.

¹⁷ BONVINI. Textos orais e textura oral em *Uanga*, de Óscar Ribas, p.7.

¹⁸ SCHIPPER. Literatura oral e oralidade escrita, p. 18.

I AND MY WINE TAPSTER IN THE DEADS' TOWN

Amos Tutuola

When it was 8 o'clock in the morning, then we entered the town and asked for my palm-wine tapster whom I was looking for from my town when he died, but the deads asked for his name and I told him that he was called "BAITY" before he died, but now I could not definitely know his present name as he had died.

When I told them his name and said that he had died in my town, they did not say anything but stayed looking at us. When it was about five minutes that they were looking at us like that, one of them asked us from where did we come? I replied that we were coming from my town, then he said where. I told him that it was very far away to this town and he asked again were the people in that town alives or deads? I replied that the whole of us in that town had never died. When he heard that from me, he told us to go back to my town where there were only alives living, he said that it was forbidden for alives to come to the Deads' Town.

As that dead man told us to go back, I began to beg him to allow us to see my palm-wine tapster. So he agreed and showed us a house which was not so far from the place where we stood, he told us to go there and ask for him, but as we turned our back to him (dead man) and were going to the house that he showed us, the whole of them that stood on that place grew annoyed at the same time to see us walking forward or with our face, because they were not walking forward there at all, but this we did not know.

As soon as the dead man who was asking us questions saw us moving he ran to us and said that he had told us to go back to my town because alives could not come and visit any dead man in the Deads' Town, so he told us to walk backward or with our back and we did so. But as we were walking backward as they themselves were walking there, I stumbled over suddenly and as I was trying not to fall into a deep pit

which was near there, I mistakenly turned my face towards the house that he showed us. But when he saw me again like that, he came to us as before and said that he would not allow us to go to the house any more, because people were not walking forward in that town. Then I begged him again and explained to him that we came to see him (palm-wine tapster) from a very far town. But I stumbled on a sharp stone in that pit, some part of me was scratched and bleeding, then we stopped to rub off the blood as it was bleeding too much. When this dead man saw that we stopped, he came nearer and asked what stopped us, then I pointed my finger to the bleeding part of my body, but when he saw the blood, he was greatly annoyed and dragged us out of the town by force. As he was dragging us out of the town, we wanted to beg him, but he said, no more excuse. We did not know that all the deads did not like to see blood at all, and it was that day I knew. He dragged us out of their town and told us to stay there and we did as he said. Then he went back to the house of my tapster and told him that two alives were waiting for him. After a few minutes, my palm-wine tapster came, but immediately he saw us, he thought that I had died before coming there, so he gave the sign of deads to us, but we were unable to reply to him, because we never died, and at the same time that he reached us, he knew that we could not live with them in the town as we could not reply to his signal, then before we started any conversation, he built a small house there for us. After that we put our loads inside the house, but to my surprise, this my tapster was also walking backward and he was not walking like that before he died in my town. After he had built the house, he went back to the town and brought food and ten kegs of palm-wine for us. As we were very hungry before reaching there, we ate the food to excess and when I tasted the palm-wine, I could not take my mouth away until I drank the whole ten kegs. After that we started conversation which went thus -- I told him that after he had died, I wanted to die with him and follow

him to this Deads' Town because of the palm-wine that he was tapping for me and nobody could tap it for me like him, but I could not die. So one day, I called two of my friends and went to the farm, then we began to tap for ourselves, but it did not taste like the wine he was tapping before he died. But when all my friends saw that if they come to my house there was no more palm-wine to drink again, then they were leaving me one by one until all of them went away, even if I should see one of them at outside and call him, he would only say that he would come, but I would not see him come.

Though my father's house was full of people before, nobody at present was coming there. So one day, I thought what I could do, then I thought within myself that I should find him (palm-wine tapster) wherever he might be and tell him to follow me to my father's town and begin to tap palm-wine for me as usual. So I started my journey early in the morning, and at every town or village that I reached I asked them whether they had seen him or knew where he was, but some would say unless I should help them to do something, they would not tell. Then I showed the tapster my wife and told of how, when I went to a certain town and her father who was the head of that town received me as his guest, my wife was taken to a far forest by a gentleman who afterwards was reduced to a 'Skull' and how I went there and brought her to her father, so after he had seen the wonderful work which I did for him, then he gave her to me as a wife and after I had spent about one and half or more years with them there, then I took her and sought him about. And how before reaching here, we met much difficulty in the bush, because there was no road to this Deads' Town and we were travelling from bush to bush every day and night, even many times, we were travelling from branches to branches of trees for many days before touching ground and it was ten years since I had left my town. Now I was exceedingly glad to meet him here and I should be most grateful if he would follow me back to my town.

So after I had related how the story went to him, he did not talk a single word, but he went back to the town, and after a while, he brought about twenty kegs of palm-wine for me, then I started to drink it. After that he started his own story: -- He said that after he had died in my town, he went to a certain place, which anybody who just died must go to first, because a person who just died could not come here (Deads' Town) directly. He said that when he reached there, he spent two years in training and after he had qualified as a full dead man, then he came to this Deads' Town and was living with deads and he said that he could not say what happened to him before he died in my town. But when he said so, I told him that he fell down from a palm-tree on a Sunday evening when he was tapping palm-wine and we buried him at the foot of the very palm-tree on which he fell.

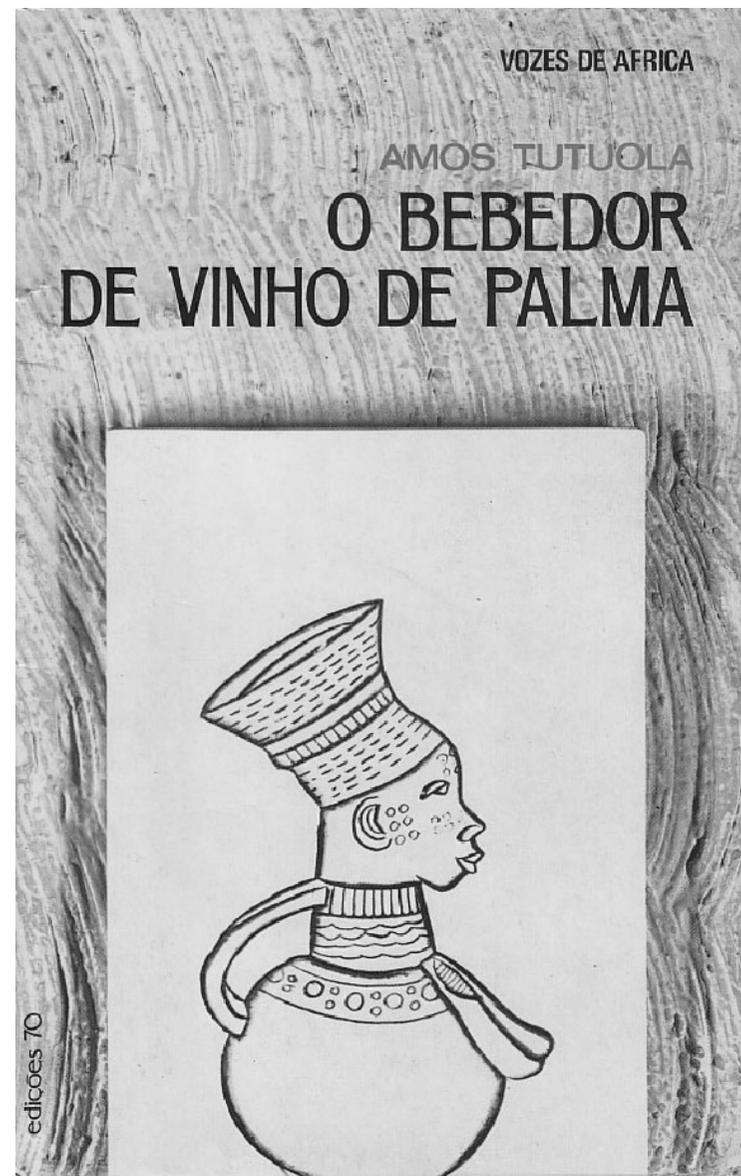
Then he said that if that should be the case, he overdrank on that day.

After that, he said that he came back to my house on the very night that he fell and died at the farm and looked at everyone of us, but we did not see him, and he was talking to us, but we did not answer, then he went away. He told us that both white and black deads were living in the Deads' Town, not a single alive was there at all. Because everything that they were doing there was incorrect to alives and everything that all alives were doing was incorrect to deads too.

He said that did I not see that both dead persons and their domestic animals of this town were walking backwards? Then I answered "Yes." Then he told me that he could not follow me back to my town again, because a dead man could not live with alives and their characteristics would not be the same and said that he would give me anything that I liked in the Deads' Town. When he said so, I thought over what had happened to us in the bush, then I was very sorry for my wife and myself and I was then unable to drink the palm-wine which he gave me at that moment. Even I myself knew already that deads could not live with alives, because I had

watched their doings and they did not correspond with ours at all. When it was five o'clock in the evening, he went to his house and brought food for us again and he went back after three hours. But when he came back early in the morning, he brought another 50 kegs of palm-wine which I drank first of all that morning. But when I thought that he would not follow us to my town, and again, my wife was pressing me too much to leave there very early, when he came, I told him that we should leave here tomorrow morning, then he gave me an 'EGG'. He told me to keep it as safely as gold and said that if I reached my town, I should keep it inside my box and said that the use of the egg was to give me anything that I wanted in this world and if I wanted to use it, I must put it in a big bowl of water, then I would mention the name of anything that I wanted. After he gave me the egg we left there on the third day after we arrived there and he showed us another shorter road and it was a really road, not a bush as before.

Now we started our journey from the Deads' Town directly to my home town which I had left for many years. As we were going on this road, we met over a thousand deads who were just going to the Deads' Town and if they saw us coming towards them on that road, they would branch into the bush and come back to the road at our back. Whenever they saw us, they would be making bad noise which showed us that they hated us and also were very annoyed to see alives. These deads were not talking to one another at all, even they were not talking plain words except murmuring. They always seemed as if they were mourning, their eyes would be very wild and brown and everyone of them wore white clothes without a single stain.



Tradução das Edições 70 publicada em Lisboa, na Coleção Vozes da África, 1980 Capa de A. Saldanha Coutinho

EU E O MEU VINHATEIRO NA CIDADE DOS MORTOS

Amos Tutuola

Tradução: Maria Helena Rodrigues

Entrámos na cidade às 8 horas da manhã, e comecei logo a perguntar pelo meu vinhateiro, que eu procurava desde que ele morrera na minha cidade. Os mortos quiseram saber o seu nome e eu respondi-lhes que antes de morrer se chamava "Baity" [aspas duplas], mas que na verdade não podia saber o seu nome actual, uma vez que morrera.

Depois de lhes ter revelado o seu nome e dito que morrera na minha cidade, os mortos permaneceram silenciosos a olhar para nós durante uns cinco minutos, até que um deles nos perguntou de onde vínhamos. Respondi que vínhamos da minha cidade, e ele quis saber onde era. Expliquei que ficava muito longe dali. Ele perguntou então se as pessoas da minha cidade estavam vivas ou mortas. Respondi que na minha cidade nunca aconteceu morrerem todos os habitantes. Ao ouvir isto ele ordenou-nos que voltássemos para lá, onde apenas havia vivos, e acrescentou que era proibido aos vivos virem à Cidade dos Mortos.

Comecei a implorar para que nos deixassem ver o vinhateiro. Ele acabou por concordar, mostrou-nos uma casa que não ficava muito longe de onde estávamos e disse para irmos lá perguntar pelo nosso vinhateiro. Mas, quando nos virámos de costas para o homem morto e começámos a andar em direcção à casa que ele nos indicara, todos os presentes ficaram zangados ao verem-nos andar de frente, porque naquela cidade ninguém andava de frente, mas nós não sabíamos disso.

No momento em que o homem morto que nos tinha feito todas aquelas perguntas nos viu a andar daquela maneira, correu até nós e disse que já nos tinha mandado voltar para a nossa cidade porque nenhuma pessoa viva podia visitar as pessoas mortas na Cidade dos Mortos. Depois mandou-nos andar de costas e nós

obedecemos. Estávamos a caminhar de costas como era costume ali, quando de repente tropecei em alguma coisa ao tentar não cair num buraco fundo que encontrei no caminho. Sem pensar virei o rosto na direcção da casa que ele me tinha mostrado. Ao ver-me fazer isto ele aproximou-se novamente e disse que não permitia que fôssemos até àquela casa, porque ali ninguém andava de frente. Mais uma vez lhe supliquei, alegando que tínhamos vindo de muito longe para ver o meu preparador de vinho de palma. Como tinha tropeçado numa pedra pontiaguda e me tinha arranhado, comecei a sangrar. Parei para cuidar da ferida pois estava a sangrar demais. Quando o homem viu que tínhamos parado quis saber o motivo. Então eu aponte para a parte do meu corpo que estava ferida, e ao ver o sangue ele ficou tão zangado que nos arrastou à força para fora da cidade. Enquanto nos arrastava continuei a suplicar, mas ele não admitiu mais desculpas. Não sabíamos que os mortos não gostavam de ver sangue, mas neste dia tomámos conhecimento deste facto. Ele levou-nos para fora da cidade e disse-nos que ficássemos ali, no que lhe obedecemos. Em seguida foi até à casa do vinhateiro e avisou-o de que estavam duas pessoas vivas à espera dele. Poucos minutos depois apareceu o meu preparador de vinho de palma. Pensando que tínhamos morrido antes de chegarmos lá, fiz-nos o sinal dos mortos, mas nós não podíamos responder porque estávamos vivos. Ao ver que não respondíamos ao sinal concluiu que não poderíamos morar com ele naquela cidade. E antes de iniciarmos qualquer conversa construiu ali mesmo uma pequena casa para nós. Guardámos ali os nossos pertences, e para minha surpresa o meu vinhateiro também caminhava de costas, coisa que não fazia antes de morrer. Depois de ter construído a casa voltou à cidade e trouxe-nos comida e dez barris de vinho de palma. Como estávamos com muita fome comemos exageradamente, e a provar o vinho não consegui parar de beber até acabar com os dez barris. Depois começámos a conversar. Disse-lhe que depois de ele

morrer eu também quisera morrer e segui-lo até à Cidade dos Mortos porque ninguém conseguia preparar o vinho de palma como ele. Mas eu não podia morrer. Então, certo dia, chamei dois amigos meus, fomos à fazenda e começámos a preparar vinho, mas o vinho não ficou com o mesmo gosto. Vendo que em minha casa não havia mais vinho para beber, os meus amigos começaram a afastar-se um a um, até que todos me abandonaram. Sempre que encontrava um deles na rua, eu chamava-o, e embora promettesse que me iria visitar, isso nunca acontecia.

Antes a casa do meu pai estava sempre repleta de pessoas, mas agora ninguém mais lá ia. Um dia, quando eu estava a pensar no que poderia fazer, resolvi procurá-lo e dizer-lhe para voltar comigo para a minha cidade natal e recomeçar a preparar o vinho de palma como sempre tinha feito. Iniciei a minha viagem de manhã cedo, e em todas as cidades ou aldeias perguntava se o tinham visto ou se sabiam onde ele poderia estar. Algumas pessoas respondiam que só me diriam se eu os ajudasse em alguma coisa. Mostrei então a minha mulher ao vinhateiro e contei que quando chegara a uma determinada cidade, onde o pai dela era o chefe, ele me recebera como um hóspede. Minha mulher fora levada para uma floresta distante por um cavalheiro que mais tarde foi reduzido a um simples "crânio". Como eu conseguira trazê-la de volta para o pai, e depois de ele ver o maravilhoso trabalho que eu realizara, dera-me a filha para ser minha mulher. Depois de viver com eles mais de um ano e meio, recomecei a minha busca na companhia da minha mulher. Contei-lhe ainda que antes de chegarmos aqui tínhamos enfrentado muitas dificuldades na mata, pois não existe nenhuma estrada para esta cidade. Viajávamos de mata em mata, noite e dia, e muitas vezes até por cima das árvores porque não podíamos tocar o chão. E já tinham passado dez anos desde que deixara a minha cidade. Disse-lhe que estava extremamente feliz por tê-lo encontrado e que ficaria muito agradecido se ele voltasse comigo para a minha cidade.

Depois de ter contado tudo o que me acontecera ele ficou calado, indo a seguir até à cidade buscar vinte barris de vinho de palma, que comecei a beber imediatamente. Em seguida foi ele que contou a sua própria história. Disse que depois de morrer na minha cidade foi para um determinado lugar onde devem ficar por algum tempo todas as pessoas que morrem, pois quem acaba de morrer não pode ir directamente para a Cidade dos Mortos. Disse que ficou dois anos nesse lugar a preparar-se, e quando já estava qualificado como um verdadeiro morto foi para a Cidade dos Mortos, onde agora morava. Contou ainda que não sabia o que lhe acontecera antes de morrer na minha cidade. Eu então expliquei que numa noite de domingo ele caíra de uma palmeira, quando preparava vinho e que fora enterrado junto dessa mesma palmeira.

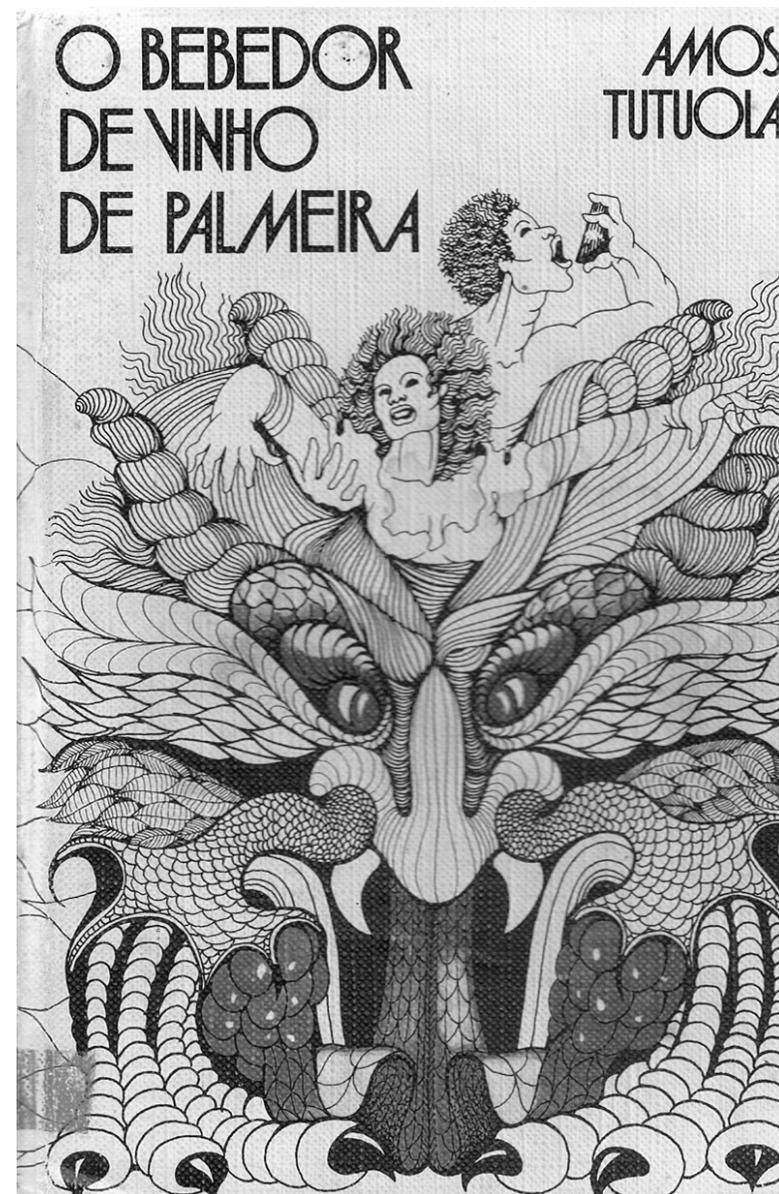
Ele então comentou que provavelmente caíra porque bebera demais naquele dia.

Contou que na mesma noite em que caíra e morrera na fazenda, fora até minha casa e ficara a olhar-nos, embora nós não o pudéssemos ver. Tinha falado connosco, mas como nós não respondemos ele resolveu ir-se embora. Explicou que tanto os mortos brancos como os pretos moravam na Cidade dos Mortos, não havendo ali nenhuma pessoa viva. Isto acontecia porque tudo o que eles faziam era errado para os vivos, e tudo o que os vivos faziam era incorrecto para os mortos.

Perguntou-me se eu não tinha percebido que tanto as pessoas mortas como os animais domésticos daquela cidade andavam de costas? Eu respondi que sim. Por fim ele disse que não poderia voltar para a minha cidade, porque um morto não podia morar com os vivos pois tinham características diferentes. Acrescentou ainda que me daria qualquer coisa que eu quisesse na Cidade dos Mortos. Ao ouvi-lo falar lembrei-me de tudo o que nos tinha acontecido na mata e senti muita pena de mim e de minha mulher. A partir desse momento não consegui beber o vinho de palma que ele me tinha dado. Eu já sabia que os mortos não podiam morar com

os vivos pois tinha visto que o comportamento deles não combinava nem um pouco com o nosso. Às 5 horas da tarde o vinhateiro foi até sua casa, trouxe-nos mais comida, e depois de passar três horas connosco [ok, está assim mesmo] voltou para lá. No dia seguinte, de manhã cedo, ele chegou com 50 barris de vinho de palma que eu bebi imediatamente. Como eu sabia que ele não nos poderia acompanhar e a minha mulher me pressionava para partirmos o mais depressa possível, assim que ele chegou avisei-o de que íamos embora na manhã seguinte. O vinhateiro então entregou-me um "Ovo". Recomendou que o guardasse com todo o cuidado, como [está certo] se fosse ouro, e que ao chegar à minha cidade o conservasse numa caixa. Disse que a utilidade do ovo era dar-me tudo o que eu desejasse neste mundo. Explicou que quando eu quisesse usá-lo deveria colocá-lo numa grande tijela com água e dizer o nome daquilo que eu desejasse. Partimos com o nosso presente depois de termos passado ali três dias. O vinhateiro mostrou-nos uma estrada mais curta e esta era realmente uma estrada, e não uma mata como as anteriores.

Iniciámos então a nossa viagem de regresso para a minha cidade, de onde eu partira muito anos atrás. Na estrada que ele nos tinha indicado encontrámos mais de mil mortos que se encaminhavam para a Cidade dos Mortos. Quando nos viam caminhar na sua direcção, entravam na mata e só voltavam para a estrada depois de já termos passado. Sempre que nos viam faziam um barulho desagradável para demonstrarem que nos detestavam e que estavam muito zangados por sermos seres vivos. Eles não falavam uns com os outros, não usavam palavras, apenas murmuravam. Pareciam estar continuamente a lamentar-se. Os seus olhos eram selvagens e castanhos e a roupa era branca, sem nenhuma mancha.



Edição do Círculo do Livro publicada em São Paulo, na década de 1970. Capa de Claudia Scatamacchia.

EU E O MEU VINHATEIRO NA CIDADE DOS MORTOS

Amos Tutuola
Tradução: Eliane Fontenelle

Entramos na cidade às oito horas da manhã, e fui logo indagando sobre o meu vinhateiro, por quem eu estava procurando. Aí os mortos me perguntaram o nome dele e eu disse que antes de morrer ele se chamava Baity, mas que certamente eu não podia saber o seu nome atual.

Depois de lhes haver revelado o seu nome e dito que havia morrido em minha cidade, eles permaneceram calados apenas olhando para nós. Ficaram nos olhando daquela maneira durante uns cinco minutos, até que um deles nos perguntou de onde estávamos vindo. Respondi que vínhamos da minha cidade natal, e ele quis saber onde era. Expliquei que ficava muito longe dali. Ele perguntou se as pessoas da minha cidade eram vivas ou mortas. Eu disse que os habitantes da minha cidade nunca haviam morrido. Ao escutar isto, mandaram-nos voltar para a nossa cidade, onde havia apenas pessoas vivas, e acrescentaram que era proibido aos vivos virem à Cidade dos Mortos.

Comecei a implorar para que ele nos deixasse ver o vinhateiro. Ele acabou concordando e nos mostrou uma casa que não ficava muito longe de onde estávamos, e disse para irmos até lá e indagar pelo nosso vinhateiro. Entretanto, quando nos viramos de costas para ele (homem morto) e começamos a ir em direção à casa que ele nos indicara, todos os presentes ficaram zangados vendo-nos andar de frente, porque naquela cidade ninguém devia andar de frente, mas nós não sabíamos disso.

Na hora em que o homem morto que nos havia feito todas aquelas perguntas nos viu andando daquela maneira, correu até nós e disse que já nos havia mandado voltar para a nossa cidade porque nenhuma pessoa viva podia visitar pessoas mortas, na Cidade dos Mortos. Em seguida mandou-

nos andar de costas e obedecemos. Estávamos caminhando de costas, como era o costume dali, quando de repente tropecei em alguma coisa ao tentar não cair num buraco fundo que encontrei no caminho. Aí, sem pensar, virei o rosto na direção da casa que ele me mostrara. Ao me ver fazer isso, ele se aproximou novamente falando que não iria mais permitir que fôssemos até aquela casa, porque ali ninguém andava de frente. Então, mais uma vez, supliquei alegando que tínhamos vindo de muito longe para ver o meu preparador de vinho de palmeira. Como tinha tropeçado numa pedra pontuda e me arranhado, meu corpo começou a sangrar. Parei para cuidar da ferida, pois estava sangrando demais. Quando o homem viu que tínhamos parado, ele quis saber o porquê. Aí eu aponte para a parte do meu corpo que estava ferida, e ao ver o sangue ele ficou tão zangado que nos arrastou à força para fora da cidade. Enquanto ele nos arrastava, eu continuava suplicando, porém ele disse que não ia ouvir mais nenhuma desculpa. Nós não sabíamos que os mortos não gostavam de ver sangue, mas nesse dia tomamos conhecimento deste fato. Ele nos levou para fora da cidade e mandou-nos ficar lá, no que obedecemos. Em seguida foi até a casa do vinhateiro e avisou que havia duas pessoas vivas esperando por ele. Poucos minutos depois, o meu preparador de vinho de palmeira surgiu. Pensando que havíamos morrido antes de chegarmos lá, ele nos fez o sinal dos mortos, mas não podíamos responder, porque não tínhamos morrido. Ao ver que não respondíamos ao sinal, ficou sabendo que não poderíamos morar com ele naquela cidade. E antes de iniciarmos qualquer conversa, construiu ali mesmo uma pequena casa para nós. Guardamos os nossos pertences dentro dela, e para minha surpresa o meu vinhateiro também caminhava de costas e não era assim que ele andava antes de morrer. Depois de ter construído a casa, retornou à cidade e nos trouxe comida e dez barris de vinho de palmeira. Como estávamos com muita fome, comemos exageradamente, e ao provar o vinho não consegui parar de beber até acabar com

os dez barris. Depois iniciamos a seguinte conversa: eu contei que depois de ele ter morrido eu também quis morrer para poder segui-lo até a Cidade dos Mortos porque ninguém conseguia preparar o vinho de palmeira como ele. Porém eu não podia morrer. Então, certo dia, chamei dois amigos meus e fomos à fazenda, e começamos a preparar vinho, mas o vinho não ficou com o mesmo gosto do que o que ele costumava preparar. Vendo que em minha casa não havia mais vinho para beber, os meus amigos começaram a se afastar um a um, até que todos me abandonaram. Sempre que encontrava um deles na rua eu o chamava.

Ele dizia que iria me visitar, mas isto nunca acontecia.

Antes a casa do meu pai vivia sempre repleta de pessoas, mas agora ninguém mais ia lá. Então certo dia, quando eu estava pensando no que poderia fazer, resolvi procurá-lo e dizer-lhe que voltasse comigo para a minha cidade natal e recomeçasse a preparar o vinho de palmeira como sempre havia feito. Iniciei a minha viagem de manhã cedo, e em toda cidade ou aldeia onde eu chegava perguntava se o haviam visto ou se sabiam onde ele poderia estar. Algumas dessas pessoas respondiam que, a não ser que eu as ajudasse em alguma coisa, elas não me contariam nada. Aí mostrei a minha mulher ao vinhateiro, e contei que quando eu chegara a uma determinada cidade, onde o pai dela era o chefe, ele me havia recebido como hóspede. Minha mulher tinha sido levada para uma floresta distante por um cavalheiro que mais tarde ficara reduzido a um simples "crânio". Como eu tinha conseguido trazê-la de volta para o pai, e depois de ele ver o maravilhoso trabalho que eu realizara, ele me entregou a sua filha para ser minha mulher. Após morar com eles mais de um ano e meio, recomecei, juntamente com a minha mulher, a minha busca. Conte-ihe ainda que, antes de chegarmos aqui, havíamos enfrentado muitas dificuldades na mata, porque não existe nenhuma estrada para esta cidade. Viajávamos de mata em mata, noite e dia, e muitas vezes até por cima das árvores, pois não

podíamos tocar o chão. E agora já haviam se passado dez anos desde que eu saíra de minha cidade. Disse-lhe que estava extremamente feliz em tê-lo encontrado, e que ficaria muito agradecido se ele me acompanhasse de volta para a minha cidade.

Depois de lhe ter contado tudo o que havia me acontecido, ele permaneceu calado, indo até a cidade para pouco depois voltar trazendo vinte barris de vinho de palmeira, que comecei a beber imediatamente. Em seguida ele começou a relatar a sua própria história: contou que, depois de ter morrido na minha cidade, foi para um determinado lugar, onde deviam ficar por algum tempo todas as pessoas que morriam, pois quem acabava de morrer não podia ir diretamente para ali (Cidade dos Mortos). Disse que permaneceu nesse lugar dois anos, preparando-se, e quando já estava qualificado como um completo morto foi para a Cidade dos Mortos, onde agora estava morando. Falou que não sabia o que lhe tinha acontecido antes de morrer em minha cidade. Eu então expliquei que numa noite ele domingo ele caíra de uma palmeira quando preparava vinho, e que havia sido enterrado ao pé desta mesma palmeira.

Ele então comentou que caíra porque provavelmente bebera demais naquele dia.

Contou que na mesma noite que havia caído e morri do na fazenda foi até a minha casa e ficou nos olhando, porém nós não podíamos enxergá-lo. Falou conosco, mas nós não respondemos, e sendo assim ele foi embora. Explicou que tanto os mortos brancos quanto os mortos pretos moravam na Cidade dos Mortos, não havendo ali nenhuma pessoa viva. Isto porque tudo que eles faziam era errado para os vivos, e tudo o que os vivos faziam era incorreto para os mortos.

Perguntou-me se eu não percebera que tanto as pessoas mortas quanto os animais domésticos daquela cidade andavam de costas. Respondi que sim. Por fim ele disse que não poderia mais voltar para a minha cidade porque um homem morto não deveria morar com os vivos, pois tinham características diferentes. Acrescentou que me daria qualquer

coisa que eu quisesse na Cidade dos Mortos. Ouvindo-o falar lembrei-me de tudo que nos acontecera na mata, e senti muita pena de mim e de minha mulher, e aí não consegui beber o vinho de palmeira que ele me dera naquele momento. Eu já notara que os mortos não podiam morar com os vivos, pois observara que o comportamento deles não combinava nem um pouco com o nosso. Às cinco horas da tarde, o vinhateiro foi até sua casa, trouxe-nos mais comida e, depois de passar três horas conosco, voltou para lá. No dia seguinte, de manhã cedo, ele chegou carregando cinquenta barris de vinho de palmeira e eu bebi tudo na mesma hora. Como eu sabia que ele não poderia nos acompanhar de volta à minha cidade e já que minha mulher estava me pressionando para partirmos o mais depressa possível, assim que ele chegou avisei que íamos embora na manhã seguinte. Então o vinhateiro me entregou um ovo. Recomendou que eu o guardasse com todo o cuidado, como se fosse ouro, e que ao chegar à minha cidade o conservasse numa caixa. Disse que a utilidade do ovo era me dar qualquer coisa que eu desejasse neste mundo. Explicou que quando eu quisesse usá-lo deveria colocá-lo numa grande tigela com água, e dizer o nome daquilo que eu desejasse. Levando o nosso presente, partimos depois de termos passado ali três dias. O vinhateiro mostrou-nos uma estrada mais curta, e esta era realmente uma estrada e não uma mata, como as anteriores.

Iniciamos então a nossa viagem de volta à minha cidade natal, de onde eu havia partido muitos anos atrás. Na estrada que ele tinha nos indicado encontramos mais de mil mortos que estavam indo para a Cidade dos Mortos. Quando eles nos viam indo em sua direção, entravam na mata e só voltavam para a estrada depois de já termos passado. Sempre que nos viam, faziam um barulho desagradável para demonstrar que nos detestavam e que estavam muito zangados em perceber que éramos seres vivos. Eles (os mortos) não falavam uns com os outros, não usavam palavras, apenas murmuravam. Pareciam estar se lamentando o tempo todo. Seus olhos eram selvagens e castanhos, e a roupa branca sem nenhuma mancha.

And when it was early in the morning, I sent for forty kegs of palm-wine, after I had drunk it all, then I started to investigate where about was the lady. As it was the market day, I started the investigation from the market. But as I was a judoman, I knew all the kind of people in that market. When it was exactly 9 o'clock a.m., the very complete gentleman whom the lady followed came to the market again, and at the same time that I saw him, I knew that he was a curious and terrible creature.

*THE LADY ~~WAS~~ WAS NOT TO BE BLAMED FOR FOLLOWING THE SKULL AS A COMPLETE GENTLEMAN!

at all /
 of /
 went /
 saw /
 [did /
 why /
 how /

I could not blame the lady for following the skull as a complete gentleman to his house. Because if I were a lady, no doubt, I would follow him to where ever he would go, and still as I was a man I would jealous him more than that, because if this gentleman go to the battle field, surely, enemy would not kill him or capture him and if bombers see him in a town which was to be bombed, they would not throw bombs on his presence, and if they throw it, the bomb itself would not explode until this gentleman would leave that town, because because of his beauty. At the same time that I saw this gentleman in the market on that day, what I was doing was only to follow him about in the market. After I looked at him for so many hours, then I ran to a corner of the market and I cried for a few minutes, because I thought within myself that ~~he~~ (I was) not created with beauty as this gentleman, but when I remembered that he was only a -

A page from the author's MS. showing the publisher's 'corrections'

Página do manuscrito do autor com "correções" do editor

EU E MEU FAZEDOR DE OTIM NA ALDEIA DOS VUMBE

Amos Tutuola

Tradução: Cláudio Teixeira de Aquino

Quando eram 8 horas da manhã, aí a gente entrou na Aldeia dos Vumbe e perguntei pelo meu fazedor de otim que eu estava procurando na minha aldeia quando ele morreu, mas os vumbe perguntaram o nome dele e eu disse que ele chamava "Baity" antes de morrer, mas agora eu não sabia mais o nome dele, porque ele tinha morrido.

Quando eu disse pra eles o nome dele e disse que ele tinha morrido na minha aldeia, eles não falaram nada, e ficaram lá, olhando pra gente. Depois de uns cinco minutos que ficaram olhando pra gente daquele jeito, um deles perguntou pra gente de onde a gente vinha. Eu respondi que a gente vinha da minha aldeia, aí ele disse: - Onde? Eu disse pra ele que era muito longe dessa aldeia e ele perguntou de novo se a gente dessa aldeia era viva ou vumbe? Eu respondi que toda a gente naquela aldeia nunca tinha morrido. Quando ele ouviu o que eu disse, ele falou pra gente voltar pra minha aldeia onde só vivia gente viva, ele disse que era proibido pros vivos vir na Aldeia dos Vumbe.

Enquanto aquele morto dizia pra gente voltar pra casa, eu comecei a implorar pra ele deixar a gente ver meu fazedor de otim. Aí ele concordou e mostrou pra gente uma casa que não estava muito longe do lugar onde a gente tinha parado, ele disse pra gente ir lá perguntar por ele, mas quando a gente virou de costas pra ele (morto) e ia pra casa que ele mostrou pra gente, todo mundo que estava parado naquele lugar ficou furioso ao mesmo tempo de ver a gente andando pra frente ou com os nossos rostos, porque eles não estavam andando pra frente, mas isso a gente não sabia.

Quando o morto que estava perguntando perguntas pra gente viu a gente andar ele correu pro nosso lado e disse que tinha falado pra gente voltar pra minha aldeia porque os vivos

não podiam visitar nenhum morto na Aldeia dos Vumbe. Aí ele falou pra gente andar pra trás ou com nossas costas e a gente andou. Mas enquanto a gente andava pra trás como eles mesmos andavam por ali, eu tropecei de repente e enquanto tentava não cair dentro de um buraco fundo perto dali, eu sem querer virei meu rosto pra casa que ele tinha mostrado pra gente. Mas quando ele me viu de novo daquele jeito ele veio pro nosso lado igual fez antes e disse que não ia permitir mais que a gente fosse até a casa, porque era proibido andar de frente naquela aldeia. Aí implorei de novo pra ele e expliquei que a gente tinha vindo de uma aldeia distante para ver ele (o fazedor de otim). Mas que eu tropecei numa pedra pontuda naquele buraco, e alguma parte minha estava machucada e sangrando, aí a gente parou pra limpar o sangue, porque estava sangrando muito. Quando este morto viu que a gente parou, ele chegou perto e perguntou por que a gente parou, aí aponte o dedo pra parte do meu corpo que estava sangrando, mas quando ele viu o sangue, ele ficou furioso demais e arrastou a gente pra fora da aldeia à força. Enquanto arrastava a gente pra fora da aldeia, a gente quis implorar pra ele, mas ele disse: - Sem mais desculpas. A gente não sabia que morto não gosta de ver sangue de jeito nenhum e nesse dia eu soube. Ele arrastou a gente pra fora da aldeia dele e disse pra gente ficar lá e a gente fez o que ele disse. Aí ele voltou pra casa do meu fazedor de otim e disse pra ele que dois vivos estavam esperando ele. Depois de poucos minutos, meu fazedor de otim veio, mas quando viu a gente, ele pensou que eu tinha morrido antes de chegar ali, aí ele fez o sinal dos vumbe pra gente, mas a gente não tinha como responder pra ele, porque a gente nunca tinha morrido, e na hora que ele chegou perto, ele percebeu que a gente não podia viver com eles na aldeia, já que a gente não podia responder o sinal dele. Aí antes da gente dizer qualquer coisa, ele construiu uma pequena casa pra gente. Depois a gente colocou nossas coisas dentro da casa, mas pra minha surpresa, meu fazedor de otim estava andando de costas

também, e ele não andava assim antes de ter morrido na minha aldeia. Depois de construir a casa, ele voltou pra aldeia e trouxe comida e dez cabaças de otim pra gente. Já que a gente estava com muita fome antes de chegar lá, a gente comeu demais da comida e saboreou o otim, eu não pude controlar minha boca até acabar de beber todas as cabaças. Depois disso a gente começou a conversa desse jeito – Eu disse pra ele que depois que ele morreu, eu quis morrer com ele e seguir ele até essa Aldeia dos Vumbe, por causa do otim que ele estava fazendo pra mim e que ninguém dá conta de fazer isso pra mim como ele, mas eu não podia morrer. Aí um dia, eu chamei dois amigos meus e fui pra fazenda, aí a gente mesmo começou a preparar, mas não tinha o mesmo gosto do otim que ele fazia antes de morrer. Mas quando meus amigos viram que não ia ter mais otim pra beber de novo quando viessem na minha casa. Aí eles foram me abandonando um por um até que todo mundo foi embora, mesmo que eu visse um deles do lado de fora e chamasse, ele só dizia que vinha, mas eu sabia que não vinha.

Apesar da casa do meu pai estar sempre cheia de gente antes, ninguém mais ia lá agora. Aí um dia eu pensei no que podia fazer, e eu pensei comigo mesmo que tinha que achar ele (o fazedor de otim) em qualquer lugar que ele estivesse e dizer pra ele me seguir pra aldeia do meu pai e começar a fazer otim para mim, como costumava fazer. Aí eu comecei minha jornada de manhã cedo e em toda cidade ou aldeia que eu chegava eu perguntava se eles tinham visto ele ou se sabiam onde ele estava, mas uns diziam que se eu não ajudasse com alguma coisa, eles não iam dizer. Aí eu mostrei pro fazedor de otim a minha obirin e contei como, quando eu cheguei numa certa aldeia, e o pai dela que era o chefe daquela aldeia, e me recebeu como convidado dele. Minha obirin foi levada pra uma floresta muito longe por um moço que mais tarde foi reduzido a uma 'caveira', e como eu cheguei lá e trouxe ela pro pai. E depois que ele viu o maravilhoso trabalho que eu tinha feito pra ele, aí ele me deu

ela pra ser minha obirin, e depois que eu gastei um ano e meio ou mais lá com eles, aí eu peguei ela e vim procurar ele. E contei como antes de chegar aqui, a gente tinha sofrido na mata, porque não tinha nenhuma estrada para essa Aldeia dos Vumbe e a gente estava viajando de mata em mata todo dia e toda noite. Muitas vezes a gente estava viajando até de galho em galho de árvores por muitos dias antes de encostar no chão e já tinham passado dez anos desde que eu tinha deixado minha aldeia. Agora eu estava feliz demais de encontrar ele ali e eu ia ficar mais agradecido se ele me acompanhasse de volta pra minha aldeia.

Aí depois que eu contei como a história chegava nele, ele não disse nenhuma palavra, mas ele voltou pra aldeia, e um instante depois, ele trouxe umas vinte cabaças de otim pra mim, aí comecei a beber. Depois disso, ele começou a história dele. Ele disse que depois que ele tinha morrido na minha aldeia, ele foi pra um certo lugar, que todo mundo que tinha acabado de morrer tinha que ir primeiro, porque uma pessoa que tinha acabado de morrer não podia vir pra cá (Aldeia dos Vumbe) direto. Ele disse que quando chegou lá, ele levou dois anos treinando, e depois que ele foi qualificado como um morto completo, aí ele veio pra essa Aldeia dos Vumbe e estava vivendo com os vumbe e ele disse que não sabia dizer o que tinha acontecido com ele antes de morrer na minha aldeia. Mas quando ele disse isso, eu disse que ele tinha caído de uma palmeira em um domingo de manhã quando estava fazendo otim e que a gente enterrou ele no pé daquela palmeira de onde ele tinha caído.

Aí ele disse que se era isso ele tinha bebido demais naquele dia.

Depois disso, ele disse que voltou pra minha casa naquela noite que ele tinha caído e morrido na fazenda e olhou pra cada um de nós, mas a gente não viu ele, e ele estava falando com a gente, mas a gente não respondia, aí ele foi embora. Ele disse pra gente que tanto os vumbe brancos quanto pretos viviam na Aldeia dos Vumbe, nem um

único vivo estava lá. Porque tudo que eles estavam fazendo lá era errado pros vivos e tudo que todos os vivos estavam fazendo era errado pros vumbe também.

Ele perguntou pra mim se eu não tinha visto que tanto as pessoas mortas quanto os bichos de estimação deles nessa aldeia estavam andando de costas. Aí eu respondi "Sim" e ele me disse que não podia voltar comigo para minha aldeia de novo, porque um morto não podia viver com vivos e suas características não eram as mesmas e disse que ele ia me dar tudo que eu gostasse na Aldeia dos Vumbe. Quando ele disse isso, eu pensei no que tinha acontecido com a gente na mata, aí eu fiquei muito sentido porque minha obirin e eu, a gente estava sem condição de beber o otim que ele me deu naquele momento. Mesmo que eu por minha conta já sabia que os vumbe não podiam viver com os vivos, porque eu tinha visto o jeito que eles faziam as coisas, e eles não eram iguais aos da gente em nada. Quando eram cinco horas da tarde, ele foi pra casa dele e trouxe comida para nós de novo e ele voltou pra casa depois de três horas. Mas quando ele voltou de manhã ele trouxe mais 50 cabaças de otim que eu bebi primeiro do que tudo naquela manhã. Mas quando eu pensei que ele não ia com a gente pra minha aldeia, e, de novo, minha obirin estava me pressionando muito para ir embora bem cedo, quando ele veio, eu disse pra ele que a gente ia embora dali no outro dia de manhã, aí ele me deu um "OVO". Ele me falou pra guardar como se fosse ouro e disse que se eu chegasse na minha aldeia, eu tinha que guardar isso dentro da minha caixa e disse que o ovo servia pra me dar tudo que eu quisesse no mundo e se eu quisesse usar, eu tinha que colocar ele numa grande cuia de água, e eu tinha que mencionar o nome de qualquer coisa que eu quisesse. Depois que ele me deu o ovo, a gente saiu de lá no terceiro dia depois de chegar lá, e ele mostrou pra gente outra estrada curta e era uma estrada mesmo, não uma mata igual antes.

Agora a gente começou nossa viagem da Aldeia dos Vumbe direto pra minha aldeia que eu tinha deixado por

tantos anos. Enquanto a gente seguia na estrada, a gente encontrou uns mil vumbe que estavam indo pra Aldeia dos Vumbe. Quando eles viam a gente indo na direção deles na estrada, eles contornavam por dentro da mata e voltavam pra estrada atrás da gente. Sempre que eles viam a gente, eles faziam um barulho mal que mostrava pra gente que eles odiavam a gente e que também estavam muito irritados de ver vivos. Esses vumbe não estavam falando nada um com o outro, nem mesmo palavras comuns eles estavam falando, só murmuravam. Eles pareciam estar sempre lamentando, os olhos deles eram muito bravos e castanhos e todos eles vestiam roupas brancas sem mancha nenhuma.

Glossário Iorubá - Português

Otim – vinho de palma; bebida alcoólica¹

Vumbe – morto; espírito de morto²

Obirin – esposa; mulher casada³

¹ Verbetes extraídos de: CASTRO, Yeda P. de. *Falares Africanos na Bahia* (um vocabulário afro-brasileiro). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Topbooks, 2001.

² http://axepandalaira.wordpress.com/_v/ - Acesso em: 09 dez. 2008

³ <http://www.yorubadictionary.com/w.htm> - Acesso em: 18 dez. 20008

Edições e traduções dos livros de Amos Tutuola

Sônia Queiroz

Filho de agricultores da etnia iorubá, Amos Tutuola nasceu em junho de 1920, na cidade de Abeokuta, no oeste da Nigéria. Tutuola frequentou a escola dos 12 aos 18 anos, pois a morte do pai em 1938 obrigou-o a abandonar os estudos: sua família era muito pobre e ele precisava trabalhar. Mudou-se, então, para Lagos e passou a trabalhar como caldeireiro. Em 1942, aos 22 anos, engajou-se na Royal Air Force, onde permaneceu até 1945, tendo trabalhado posteriormente como funcionário público no Departamento do Trabalho, na capital. Tutuola foi membro da Igreja Africana e do Mbari Club, clube de editores e escritores de Ibadan, do qual foi um dos fundadores, e publicou vários contos e novelas em periódicos ocidentais.

A partir da década de 1970, até a morte, em 1997, aos 77 anos, Tutuola viveu em Ibadan, oeste da Nigéria, com sua mulher Victoria (com quem se casou em 1947) e seus oito filhos. Em 1979, foi pesquisador visitante na Universidade de Ifé (atualmente Universidade Obafemi Awolowo), na cidade de Ifé, no sudeste da Nigéria, e em 1983 participou do International Writing Program na Universidade de Iowa, na Califórnia (EUA).

Em 1952, publicou *The palm-wine drinkard and his dead palm-wine tapster in the Dead's Town*, seu primeiro romance e o primeiro romance africano a ter repercussão internacional, tendo sido traduzido para 11 línguas. Para editar o livro em Londres, Tutuola contou com o apoio de dois poetas importantes: T. S. Elliot e Dylan Thomas. No ano seguinte ao lançamento pela editora londrina Faber and Faber (que se destaca sobretudo pelas edições de poesia e música, e por ter tido o poeta T. S. Elliot como seu primeiro editor), o romance de estréia de Tutuola é publicado em Nova Iorque, pela Grove Press.

Na França, a tradução deste livro, assinada por ninguém menos do que o poeta e ficcionista Raymond Queneau (muito conhecido também por seus *Exercices de style*), foi publicada com o título *L'ivrogne dans la brousse*, um ano depois, pela prestigiosa Gallimard, que vem reeditando esta tradução até recentemente, em 2006. A tradução brasileira, de Eliane Fontenelle, foi publicada na década de 1970 pela Nova Fronteira e pelo Círculo do Livro, com o título *O bebedor de vinho de palmeira*. Em 1980 (cerca de dez anos depois da edição brasileira), saiu a tradução de Maria Helena Rodrigues em Portugal, pelas Edições 70, com o título *O bebedor de vinho de palma*.

O romance de estréia de Tutuola fez muito sucesso na Europa e na América, mas foi severamente criticado na Nigéria, principalmente pelo fato de ter sido escrito em *broken English*, num estilo considerado "primitivo", que supostamente reforçaria o estereótipo ocidental da "inferioridade africana". A língua em que Tutuola escreve "is not polished or sophisticated", avalia Geoffrey Parrinder, no prefácio à 1ª edição inglesa de *My Life in the Bush of Ghosts*, mas consegue capturar o modo como o inglês é falado pelo povo nigeriano.

E – continua Parrinder – apesar de não ter assumido uma postura política clara, como fizeram outros escritores nigerianos que, como Chinua Achebe ou Wole Soyinka, encaram a literatura como uma forma de mudar o mundo, Tutuola registrou em seus romances a situação da Nigéria pós-colonial, por meio de referências implícitas, refletindo sobre a situação dos africanos sob o impacto das idéias e das formas de governo europeu.¹

As traduções para o português reescreveram a obra de Tutuola, utilizando uma linguagem de tradição escrita e desconsiderando a possibilidade de reinventar em português a

¹ PARRINDER, Geoffrey. Foreword. In: TUTUOLA, A. *My life in the Bush of Ghosts*. London: Faber and Faber, 1954. p. 9-15. Citado por CLARKE, Bronagh. Amos Tutuola: 1920-1997. Disponível em: <<http://www.qub.ac.uk/schools/SchoolofEnglish/imperial/nigeria/amos.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2008.

condição do falante de iorubá que tem o inglês como segunda língua. A única tradução que buscou seguir o estilo de Tutuola foi a francesa, de Queneau. Sobre ela, o crítico A. Vialatte escreveu na revista *Art*, por ocasião do lançamento: "Queneau ne traduit pas, il réinvente; il délire et il prophétise comme dans sa langue maternelle dans l'idiome d'un pays qui n'existe pas".²

Amos Tutuola publicou vários outros romances, seguindo a mesma linha de trabalho com a tradição oral iorubá, mas, segundo o paratexto da edição brasileira do Círculo do Livro, "nenhum deles obteve o mesmo sucesso do primeiro". Quase todos – *My life in the Bush of Ghosts* (1954), *The witch herbalist of the remote town* (1981), *Pauper, Brawler & Slanderer* (1987), *The village witch doctor and other stories* (1990) – saíram pela mesma editora londrina que lançou seu primeiro livro, a Faber and Faber. Tutuola publicou ainda, por outras editoras: *Simbi and the Satyr of the Dark Jungle* (1955), *The brave African huntress* (1958), *Feather woman of the jungle*, (1962), *Ajaiyi and his inherited poverty* (1967), *Wild Hunter in the Bush of the Ghosts* (1982) e *Yoruba Folktales* (1986).

Apesar do comentário pessimista do editor brasileiro, seu segundo livro foi traduzido na França e publicado na coleção 10/18 da Gallimard, com o título *Ma vie dans la brousse des fantômes*; no Brasil, a tradução *Minha vida na mata dos fantasmas*, de Luiz Drummond Navarro, saiu pela Alhambra pouco depois do primeiro livro; a tradução espanhola, *Mi vida en la maleza*, acaba de sair, em 2008, pela Siruela (ao lado de traduções de Kafka, Clarice Lispector e John Cage, dentre outros grandes criadores). E mais: inspirou o trabalho do músico experimental Brian Eno, que em 1981 gravou com David Byrne um álbum com o mesmo título do livro: *My life in the Bush of Ghosts* (remasterizado em 2006).

Grande parte dos documentos (ensaios, cartas, e manuscritos) de Amos Tutuola integram o acervo do Harry Ransom Humanities Research Center da Universidade do Texas, em Austin (EUA). Da bibliografia sobre a literatura de Tutuola, destacamos, em inglês, *Critical perspectives on Amos Tutuola*, de Lindfors Bernth, autor de diversos livros sobre a literatura africana de língua inglesa e responsável pela reedição, revista pelo autor, de *Wild Hunter in the Bush of the Ghosts*, que saiu em 1984 pela Lynne Rienner – editora americana que se autodefine como independente, "taking chances on new ideas". Em francês, destacamos *Amos Tutuola: tradition orale et écriture du conte*, de Michèle Dussoutour-Hammer, e *Amos Tutuola et l'univers du conte africain*, de Catherine Belvaude, publicados, respectivamente por Présence Africaine e Harmattan, as duas editoras de maior relevância para os estudos das literaturas e culturas africanas na França.

² VIALATTE citado por LÉCUREUR. *Raymond Queneau: biographie*, p. 415. Disponível em: <<http://www.livre-rare-book.com>>. Acesso em: 6/1/2009.

Referências

TUTUOLA, A. I and my wine tapster in the dead's town. In: _____. *The palm wine drinkard*. London: Faber and Faber, 1952. p.96-102.

TUTUOLA, A. Eu e meu vinhateiro na cidade dos mortos. In: _____. *O bebedor de vinho de palma*. Tradução de Maria Helena Rodrigues. Lisboa: Edições 70, 1980. p. 71-76. (Coleção Vozes da África)

TUTUOLA, A. Eu e meu vinhateiro na cidade dos mortos. In: _____. *O bebedor de vinho de palmeira*. Tradução de Eliane Fontenelle. São Paulo: Círculo do Livro, p. 108-116.

v
v v
v v
viva voz